CAP – Apresentação do documento "AMBIÇÃO AGRO 2020-30"

Desenvolvimento Industrial, Agroalimentar e Agroindustrial

Centro Cultural de Belém e videoconferência, 24 setembro 2020

(cumprimentos)

Há muito que Agricultura e Indústria deixaram de ser vistas como mundos distantes e com interesses contraditórios.

A visão da CAP para o crescimento da economia que transparece do documento aqui apresentado reconhece bem a grande interdependência entre atividades económicas, que determina a necessidade de coesão entre todos os que acreditam e defendem que é através da iniciativa privada e da dinâmica empresarial que poderemos sustentar o crescimento em bases mais sólidas e duradouras, consistentes com um modelo de economia de mercado competitiva, que tem nas empresas o seu motor.

Neste contributo da CAP para a recuperação da economia nacional, centrado numa estratégia de desenvolvimento do setor agro-florestal, está bem presente a necessidade de envolver todas as atividades dos setores primário, secundário e terciário, direta e indiretamente ligados à agricultura e floresta, no enorme esforço de relançamento da economia.

É neste contexto que destaco a preocupação pelo relançamento industrial. Uma preocupação consonante com a afirmação, aqui expressa pela CAP, que uma economia que assenta sobretudo em intermediação sem fabrico próprio e em comércio sem produção, é incompleta, cria vazios de dependência e não oferece condições para reter mão de obra qualificada.

Desde há muito que, na CIP, entendemos este desígnio do relançamento industrial no contexto de uma estratégia mais vasta que visa redirecionar a estrutura produtiva do País para os setores abertos à concorrência internacional. Desde há muito que defendemos que o novo papel para a indústria é indissociável da sua ligação a atividades a montante e a jusante das cadeias de valor industriais.

Estamos, por isso, em plena consonância ao alertar que Portugal só se desenvolverá através da aposta nos setores produtores de bens e serviços transacionáveis e reclamar para esses setores o reconhecimento público do seu papel estruturante e estratégico para esse desenvolvimento.

Esta aposta inclui, naturalmente, a agricultura, pelo que acompanhamos com satisfação a afirmação da sua importância na economia, num percurso de investimento, modernização, aumento da competitividade e das exportações justamente evidenciado pela CAP.

Sem menosprezar o estímulo que a agricultura pode representar para muitos outros setores industriais conexos, destacaria a sua estreita ligação com a indústria agroalimentar.

Trata-se de um setor estratégico para o país:

- É a indústria transformadora que mais contribui para a economia nacional, tanto em Volume de Negócios (17,4 mil milhões de euros) como em Valor Acrescentado Bruto (3,3 mil milhões de euros).

- É a segunda indústria transformadora que mais emprega em Portugal, sendo responsável por mais de 115.000 postos de trabalho diretos e cerca de 500.000 indiretos.
- Tem contribuído para o equilíbrio da balança comercial, registando na última década uma taxa de crescimento das exportações superior às importações. Mantendo o nível de crescimento dos dois fluxos, esta indústria poderá vir a tornar-se exportadora líquida.

- Tem mantido, nos últimos anos, um desempenho acima da média da economia nacional, existindo boas expetativas de crescimento na próxima década.

- Tem impacto, direto e indireto, elevado noutros setores da economia portuguesa, com evidente destaque para a agricultura, a montante da cadeia de valor.

- Assume uma grande importância no desenvolvimento do tecido empresarial e criação de emprego nas zonas menos desenvolvidas do país.

- É fundamental para garantir a sustentabilidade do consumo nacional. Este é um ponto especialmente relevante, dado que a indústria agroalimentar deu provas da sua resiliência e capacidade de adaptação e atuação durante os momentos mais críticos da pandemia COVID-19, tendo continuado a trabalhar para colocar no mercado alimentos e bebidas e satisfazer as necessidades dos consumidores.

Este resultado só foi possível porque os agricultores garantiram a produção e a manutenção das cadeias de abastecimento e, dessa forma, a estabilidade do setor agro-

alimentar. Mais uma vez, ficou bem patente a forte ligação entre Agricultura e Indústria e a sua importância.

Os próximos anos não irão fazer abrandar a complexidade dos desafios que se têm vindo a colocar a toda a economia nacional e em particular à indústria agroalimentar. Torna-se assim prioritário promover um compromisso nacional em torno da indústria agroalimentar, envolvendo todos os decisores políticos, parceiros e sociedade civil. Um compromisso fundamentado nas seguintes PRIORIDADES ESTRATÉGICAS:

1) Promoção de estilos de vida saudáveis;
2) Equilíbrio na relação entre fornecedores e distribuidores;
3) Suporte à exportação e internacionalização;
4) Adequação da política fiscal à competitividade;
5) Consolidação de uma estratégia pública de incentivos à inovação;
6) Transição para a economia circular.

Cada uma destas prioridades estratégicas tem associado um conjunto de DESAFIOS do presente e para o futuro.

Para os vencer, a indústria agroalimentar conta com o contributo de uma agricultura moderna e dinâmica. Por outro lado, o futuro da agricultura depende também da capacidade da indústria agroalimentar em vencer esses mesmos desafios.

Juntos, Agricultura e Indústria serão capazes de valorizar recursos naturais, gerar e reter na economia nacional mais valor acrescentado, aumentar as exportações, criar mais emprego, contribuir para um desenvolvimento económico e social mais equilibrado do território nacional.

Tal implica congregação de esforços.

Tal implica uma maior articulação das políticas dirigidas a estes dois setores, tanto a nível nacional como europeu. Exige, por exemplo, como a CAP assinala, aprofundar a complementaridade nas intervenções financiadas pelo Fundo Europeu Agrícola e de Desenvolvimento Rural e o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

Tal implica, também, uma maior coesão e convergência do associativismo empresarial.

Gostaria, a este respeito, de realçar a coesão associativa que este evento demonstra. Para além da dimensão económica, que aqui esteve em foco, este deverá ser, também, o caminho para nos opormos à onda de populismo e demagogia que temos hoje em Portugal.

Terminaria, pois, com o apelo à coesão entre todos os que acreditam que é nas empresas – PME's e grandes empresas, de todos os setores e de todas as regiões – que reside o potencial de recuperação da economia portuguesa; todos os que acreditam que as empresas são a solução.

António Saraiva
Presidente da CIP

24 setembro 2020